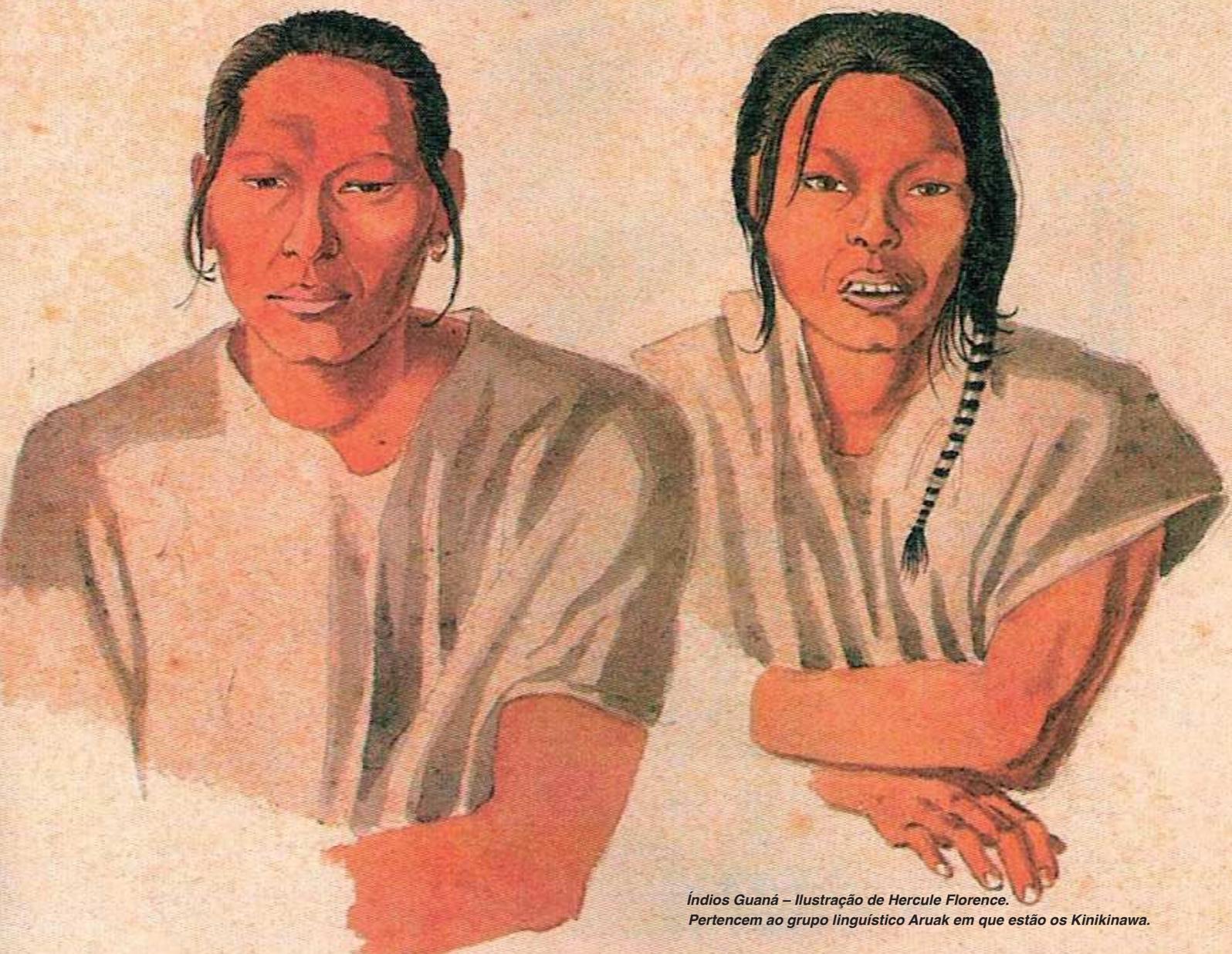


Pacalalá: o heroico guerreiro Kinikinawa e o combate do Porto de Maria Domingas

Autores: Coronel R1 **Fernando dos Anjos Souza** – Doutor em História e Tenente-Coronel QMB **Mauro Aparecido Ribeiro** – Bacharel em Administração.

*Nas obras do **Visconde de Taunay**, estão registrados episódios que ocorreram na província mato-grossense, onde encontramos relatos da participação dos indígenas em apoio às tropas brasileiras. O presente artigo, baseado em pesquisa bibliográfica sobre o combate no Porto de **Maria Domingas**, em maio de 1866, tem por objetivo destacar a atuação do índio **Pacalalá**, da etnia Kinikinawa, combatendo os invasores paraguaios da Província de Mato Grosso.*



Índios Guanã – Ilustração de Hercule Florence.
Pertencem ao grupo linguístico Aruak em que estão os Kinikinawa.

Na ocasião da Guerra da Tríplice Aliança, durante o período em que o território ao Sul da Província de Mato Grosso permaneceu ocupado pelas tropas paraguaias, indígenas de diversas etnias, desalojados de seus aldeamentos, refugiaram-se na região dos Morros, parte da Serra de Maracaju, atualmente em terras pertencentes ao município de Aquidauana (MS). Esses indígenas enfrentaram os invasores paraguaios, com ações que resultaram na defesa do território e contribuíram para a manutenção da posse territorial pelo Brasil.

A designação “Sul da Província de Mato Grosso” refere-se à porção do território nacional situada no extremo sul dessa província, criada, ainda, em 1821, sucedendo a Capitania-Geral de Mato Grosso, a qual, posteriormente, na República, daria origem ao Estado de Mato Grosso e, pela Lei nº 31, de 11 de outubro de 1977, ao atual Estado de Mato Grosso do Sul.

Alfredo D’Escragnolle Taunay, o Visconde de **Taunay**, como 2º tenente em comissão do Exército Imperial, integrou as tropas brasileiras que pretendiam atacar o Paraguai pelo norte. Na expedição, ingressaram em território paraguaio até a localidade chamada Laguna, onde, acometidas pela falta de suprimentos, principalmente de gêneros, iniciaram uma retirada, narrada na obra “A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai”.

Em outras obras do Visconde de **Taunay** (1929, 1960 e 2006), há registros dos episódios transcorridos na província matogrossense e relatos da participação dos indígenas apoiando as tropas brasileiras. Em suas narrativas, encontra-se o combate no Porto de **Maria Domingas**, em maio de 1866, destacando a atuação do índio **Pacalalá**.



Cerâmica Kinikinawa

O Índio Pacalalá

Com o pseudônimo de **Sylvio Dinarte**, em **Camiran** a **Kinikinawo**, na série Histórias Brasileiras, publicada no jornal “O Despertador”, o Visconde de **Taunay**, ao narrar de forma poética os fatos que envolveram **Pacalalá** e a mãe indígena, chamada de **Camiran**, faz o seguinte alerta: a “narração verídica em quase todos os pontos e que terá o merecimento de falar, pela primeira e talvez única vez, na história do quanto sofreram os refugiados de Miranda, e, sobretudo, nas façanhas do desconhecido **Pacalalá**” (DINARTE, 1876). Quando chegou ao aldeamento de Agaxi o aviso sobre a ameaça paraguaia, que avançava pelo território brasileiro, **Pacalalá** fora escolhido pela etnia Kinikinawa como líder. A escolha do novo líder, naquele momento de dificuldade, era pelo reconhecimento dos valores do índio que se destacava na condução de negociações dos conflitos entre sua gente e outros, por construir a mais forte cabana da aldeia e por ter uma abundante roça com abóboras, milho, arroz e feijão, compartilhadas com sua mãe. **Camiran**, a índia Kinikinawa, nutria orgulho imenso pelo filho que tinha prestígio entre os seus e a consideração dos brancos.

Avisado da aproximação dos invasores paraguaios, **Pacalalá** ordenou que abandonassem a aldeia no Agaxi e que tomassem o rumo do porto Canuto, no rio Aquidauana, buscando abrigo na serra de Maracaju. Nos Morros, determinou que preparassem roçados e plantassem, de onde obtiveram abundantes cargas de milho e feijão. Com as armas encontradas nos depósitos bélicos na Vila Miranda, que ficaram abandonados pela tropa federal ao ser avisada do avanço paraguaio, **Pacalalá** conseguiu armar trinta moços robustos da sua aldeia.

Em fins de 1865, todos os dispersos da região de Miranda se concentravam nos Morros. Formavam um lugar seguro, onde o inimigo não se aventurava a aparecer.



Dança do bate-pau.

As forças paraguaias de ocupação no sul do Mato Grosso eram permeáveis no imenso território ocupado. Conhecedores do terreno, “por entre as rondas passavam, à noite, os índios, quando desciam da serra para vir laçar reses na planície e alojá-las com mais mansas, tangendo-as assim para o alto dos acampamentos”.

Pacalalá passou a ser um especialista na caçada dos bois da planície e era o mais intrépido em descer da serra. Suas incursões em busca do gado revelam a astúcia e a coragem do líder indígena: “*ficando ali, sem receio dias inteiros, a escolher as reses que contava agarrar. Com alguns companheiros bem armados, chegou a levar oito e mais animais, tendo sempre a cautela de esconder as pegadas ou de deixá-las aparentes, quando nisso via vantagens.*” (DINARTE, 1876).

Em uma ocasião, foi de perto e tenazmente perseguido por uma patrulha inimiga. Enquanto seis índios Kinikinawa recolhiam as reses, **Pacalalá** percebeu que iam ser atacados. A escaramuça foi em local favorável aos seus combatentes. O lugar, já na fralda da montanha, prestava-se maravilhosamente à profícua resistência: serpeava a trilha palmeada por denso matagal de taquaríssimas. Após destacar dois dos seus para continuarem a tocar o gado na ponta, **Pacalalá** e os outros quatro demais companheiros esperaram a ronda em um desfiladeiro. Com certo tiro, prostrou o jovem chefe índio ao paraguaio que vinha abrindo caminho à frente dos seus. Precipitadamente retrocedeu a patrulha inimiga. Ao retornarem com as reses aprisionadas, os vitoriosos guerreiros indígenas foram recebidos festivamente na aldeia.

Em outro encontro, em maio de 1866, no porto, em terras pertencentes à **D. Maria Domingas de Faria**, à margem direita do rio Aquidauana, em local preferido para a travessia da infantaria, acompanhado de seis Kinikinawa e dez Terena, quando trabalhavam na produção de rapaduras, aproveitando o extenso canavial existente na região do porto, foram avistados por uma patrulha paraguaia. Os paraguaios não os combateram de imediato, mas buscaram reforços no Porto Souza, distante dali seis léguas, onde estavam acampados.

Pela narração de **Taunay** (1931), quando os paraguaios retornaram, eram cerca de duzentos contra os dezessete índios. Ao pressentirem que seriam cercados e certamente mortos, os índios apresentaram desânimo. **Pacalalá** os incentivou, mostrando-lhes a vantagem da posição, as armas e as munições de que dispunham, as quais sabiam manejar com destreza, e a necessidade de lutarem para defenderem suas vidas. Então organizou o seu povo, colocando, na orla da floresta, cada companheiro atrás de uma árvore grossa, aconselhando a terem calma e tranquilidade para uma certa pontaria, sem desperdiçar os tiros.

Os paraguaios avançaram, formando uma linha, por um descampado na planície. Os primeiros tiros dos índios feriram mais de doze soldados. Revidados, os índios recuaram para o interior da mata. Foram perseguidos por uma companhia de infantaria, mas obrigaram-na a retroceder. **Pacalalá**, no calor do combate, multiplicou-se. Exaltava o ânimo de cada combatente em toda a parte, incentivando os esforços e o crescente entusiasmo dos companheiros. **Pacalalá** foi mortalmente ferido quando a luta encaminhava-se para o final, com os adversários paraguaios batendo em retirada e certos de terem enfrentado “uma horda inteira de endemoniados. Com **Pacalalá** morto, seus companheiros se encheram de pânico. Conseguiram fugir, aproveitando a escuridão da noite. A notícia da sua morte enlutou os aldeamentos dos morros, de onde imenso alarido fúnebre levantou-se. As

moças Kinikinaw, seguindo os ritos da etnia, cortaram os cabelos à altura das orelhas, tiraram qualquer enfeite ou joiazinha, demonstrando o pesar pela morte do seu companheiro.

Esse combate, na região do Porto de **Maria Domingas**, foi considerado o “*mais importante dos feitos de guerra de todo o período da ocupação do sul da Província de Mato Grosso.*”, pois, após a derrota, os paraguaios “*nunca mais incomodaram os refugiados nos morros*” (TAUNAY, 1931, p. 38).

A Etnia Kinikinawa

Segundo **Curt Nimuendaju** (2002), os Kinikinawa pertencem ao grupo linguístico Aruak, em que estão classificados 200 grupos indígenas, incluindo os Guaná, Layana e Terena, o que justifica o entendimento linguístico existente entre eles. O grupo Aruak está distribuído no Brasil pelo oeste do País e norte da Amazônia.

Para o Visconde de **Taunay**, a língua dos diferentes grupos indígenas, existentes no sul da Província, apresentava pequenas alterações que não impediam a fácil compreensão recíproca. Da mesma maneira, os costumes e as práticas também não diferenciavam muito.

Os tipos físicos, porém, ofereciam distinções que assinalavam características de cada uma das etnias. **Pacalalá** é descrito como um jovem com pouco mais de 20 anos, tipo soberbo de robustez, cor de cobre vermelho, feições angulosas, maçãs do rosto salientes, dentes acerados e magníficos. A inteligência e a energia eram denunciadas pelos olhos pequenos e vivíssimos e pelo queixo acentuado. Era, ainda, exímio caçador. **Pacalalá** intercedia em defesa da sua gente e denunciava as irregularidades ou os desmandos ocorridos na sua aldeia e com os outros povos.

Em meados do século XX, os Kinikinawa chegaram a ser considerados por **Darcy Ribeiro (Souza, 2013)** como extintos. Mas a etnia sobrevive, com a maior concentração do grupo habitando a aldeia **São João**, no



interior da terra indígena Kadiwéu, localizada no município de Porto Murtinho (MS). A cerâmica, antiga tradição cultural, ainda é produzida e comercializada na cidade de Bonito (MS).

As lembranças da Guerra da Tríplice Aliança continuam na memória dos Kinikinawa sobreviventes. Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), em uma dança, conhecida como Dança do Bate-Pau, é relembrada a participação da etnia na guerra. A dança, realizada em importantes eventos para a etnia Kinikinawa, é executada por homens e mulheres de várias idades, incluindo crianças e idosos. Os dançarinos carregam longas taquaras nas mãos e com elas desenvolvem uma coreografia, ora batendo as taquaras com as de outros dançarinos, ora batendo-as no chão. O ritual termina com os dançarinos reunidos em círculo e a união das taquaras, cruzadas, sobre as quais é colocado e suspenso um guerreiro, que é então saudado e ovacionado, simbolizando a união que leva o grupo à vitória.

As etnias ainda oficialmente existentes no Mato Grosso, além dos Kinikinawa e Kadiwéu, são: Atikum, Kaiowa, Guató, Guarani-Ñandeva, Ofaié-Xavante e Terena. Não oficializados, há os Camba e Xamacoco. (Aguilera Urquiza, 2013).